

# GEOGRAFIA ESCOLAR: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O ENSINO-APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE REGIÕES BRASILEIRAS

*Teaching Geography: pedagogical practices and the teaching-learning of the content of brazilian regions*

Vanessa Manfio<sup>1</sup>

Josane Baratto Balssan<sup>2</sup>

## Resumo

A geografia é uma ciência que estuda a superfície terrestre e a distribuição espacial de fenômenos, assim como, a relação recíproca entre o homem e o meio ambiente. Sendo uma ciência capaz de abordar o cotidiano vivenciado pelos alunos, através das noções de lugar, região, paisagem entre outras. Com isto, ao abordar o conteúdo sobre as Regiões Brasileiras em sala de aula, com os alunos de sexta série do Ensino Fundamental, procurou-se trabalhar o assunto de maneira diferente, valorizando o aprendizado adquirido durante o ano letivo e pela sua vivência, através de duas propostas de estudo: uma com a utilização de recursos lúdicos tais como: dança, culinária, teatro. Enquanto que outra envolveu o trabalho individual, como a aplicação de questionários e a elaboração de desenhos a respeito das regiões do Brasil. Observou-se perante a realização das atividades, o comprometimento dos alunos, a aprendizagem e a fixação do conteúdo anteriormente estudado. Sem dúvidas, a participação e a utilização dos recursos didáticos lúdicos são essenciais para o “despertar” e ensinar na sala de aula, sendo o educador o responsável por conduzir este aprendizado, já que é o mediador na construção do conhecimento. Assim como, o conhecimento não pode ser algo estático e traduzido de maneira simplista e tradicional, a valorização dos interesses dos alunos deve ser fundamental na escolha desta construção de valores e ensino, com um trabalho interdisciplinar para que o mesmo possa ter um melhor aproveitamento no processo de ensino.

**Palavra-chave:** Geografia-escolar; Regiões Brasileiras; Recursos lúdicos

## Abstract

Geography is a science that studies the Earth's surface and the spatial distribution of phenomena, as well as the reciprocal relationship between man and the environment. Being a science that addresses the everyday experienced by students through the concepts of place, region, landscape and others. With this, when addressing content on Brazilian Regions in the classroom with students from sixth grade of elementary school, we tried to work it differently, valuing the learning acquired during the school year and their experience through two proposals for study: one with the use of recreational resources such as: dancing, cooking, theater. While another involved individual work, such as questionnaires and preparation of drawings about the regions of Brazil. Was observed before the completion of the activities, the commitment of students, learning and establishing the content studied previously. Undoubtedly, participation and use of playful learning resources are essential to "wake up" and teach in the classroom, the teacher is responsible for conducting this learning, since it is the mediator in the construction of knowledge. Just as knowledge can not be translated to something static and simplistic and traditional manner, maximizing the interests of students must be critical in choosing this building values and education with an interdisciplinary work that he may have a better use in teaching process.

**Keywords:** Educational Geography; Brazilian Regions; Recreational resources.

<sup>1</sup> Geógrafa. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria. Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: nessamanfio@gmail.com

<sup>2</sup> Licenciada em Geografia e Professora da Escola Estadual de Educação Básica Dom Antônio Reis. E-mail: balssanjosanebaratto@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

A educação é um conjunto de saberes que envolvem os processos de ensinar e aprender e é fundamental para o convívio em sociedade e para performance do indivíduo. Existindo vários modos de construir o aprendizado e de transferir os valores e conteúdos.

Nesta abordagem, o ensino de geografia está pautado na noção de ciência que estuda a superfície terrestre e a distribuição espacial de fenômenos significativos na paisagem, assim como, a relação recíproca entre o homem e o meio ambiente. Sendo uma ciência capaz de abordar o cotidiano vivenciado pelos alunos, através das noções de lugar, região, paisagem entre outras.

A ciência geográfica desde os primórdios de suas reflexões e discussões abordava o pensamento regional, dessa forma a região é um conceito importante para a geografia, assim a categoria região é uma ferramenta de ensino-aprendizado, abordando o cotidiano dos alunos em sala de aula.

Com isso, este trabalho envolve a temática da geografia regional, ensino e práticas docentes do professor de geografia, objetivando trilhar caminhos e experiências sobre o ensino escolar, sistematizando os conteúdos referentes a região e regionalização brasileira.

Sabe-se que a finalidade do ensino de geografia deve ser auxiliar a formação de raciocínios e concepções de forma que o aluno aprenda a ler os acontecimentos vividos, problematizando com os saberes adquiridos.

Nesse sentido, reforça-se a necessidade do aprofundamento de práticas e saberes que motive os alunos e que torne a ciência geográfica, não apenas uma disciplina teórica e de cunho distante do mundo vivido dos alunos, mas sim uma matéria escolar que possibilite o educando contextualizar os fenômenos e conhecer o espaço em que vive, numa dicotomia teoria e prática/vivência diária.

Diante desta abordagem, ao trabalhar com os alunos da 6ª Série do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Dom Antônio Reis (Faxinal do Soturno-RS) envolvendo as regiões brasileiras e a regionalização procurou-se realizar atividades didáticas que envolvessem os alunos e que demonstrasse o aprendizado dos mesmos acerca do conteúdo trabalhando durante o ano letivo, valorizando as concepções e conhecimentos adquiridos, a criatividade e participação dos alunos.

Sem dúvidas, a participação e a utilização dos recursos didáticos lúdicos são essenciais para o “despertar” e ensinar na sala de aula, sendo o educador o responsável por conduzir este aprendizado, já que o professor é o mediador na construção do conhecimento,

também exerce importância na escolha dos métodos de se proporcionar esta discussão e aprendizagem. Assim como, o conhecimento não pode ser algo estático e traduzido de maneira simplista e tradicional, a valorização dos interesses dos alunos deve ser fundamental na escolha desta construção de valores e ensino.

Neste sentido, o presente trabalho consistiu-se no estudo sobre as regiões brasileiras, conteúdo programático da 6ª Série ou atual sétimo ano do Ensino Fundamental, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), abordando as características culturais, econômicas, naturais e os aspectos sociais de cada região do Brasil.

Na abordagem e discussão com os alunos, foi utilizada a classificação de regiões brasileiras segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujo Brasil está dividido em cinco unidades: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Sul.

Neste contexto, foi estruturado o trabalho, a partir de aulas teóricas e práticas, envolvendo as regiões brasileiras e baseado na tentativa de investigar o aprendizado dos educandos e instigar a aplicação dos conhecimentos adquiridos sobre o conteúdo.

Este trabalho está alicerçado em duas formas diferentes de trabalhar e descobrir o nível de conhecimento adquirido pelos alunos durante as aulas de Regiões Brasileiras em turmas diferentes, a primeira faz referências a um conjunto de práticas desde a apresentação em *Power Point*, a exposição de teatro referente à cultura da região, e a degustação da culinária típica dos conjuntos regionais brasileiros, enquanto a segunda envolve o trabalho com questões teóricas, interpretação de charge e a elaboração de desenhos sobre cada região geográfica brasileira.

Para o andamento da primeira forma de ensino e aula prática, foi dividida a turma em cinco grupos, sendo sorteado para cada grupo uma região do Brasil, dos quais o grupo ficava a cargo da elaboração das atividades sugeridas anteriormente.

Na segunda forma de aula prática, entretanto, foi utilizado o trabalho individual, cujo primeiro momento os alunos respondessem algumas questões como: O que é região para você? Quais as características marcantes de cada região? Por que regionalizar o Brasil? Além dos alunos interpretar duas charges sobre regiões brasileiras. Após esta etapa da atividade foi solicitado que cada um dos alunos escolhesse um elemento de uma das regiões estudada durante o ano e desenhasse.

Cabe destacar que estas atividades com os alunos foram desenvolvidas em duas turmas de 6ª Série do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Educação Básica Dom Antonio Reis, localizada na cidade de Faxinal do Soturno/RS, no período de 2011 e 2012, cujo para cada turma foi realizado uma proposta diferente.

Com isto, utilizou como método de abordagem: a fenomenologia, a fim de o professor reconhecer a assimilação e acomodação do conteúdo estudado e exposto aos educandos.

Sendo a pesquisa fenomenológica, efeito da compreensão da vivência, voltada para os significados do perceber do sujeito em relação aquilo que lhe é pesquisado, identificando a própria percepção do sujeito. (MARTINS; BICUDO, 1989).

Ressalta Martins (1992) que a pesquisa fenomenológica objetiva-se nos significados que os sujeitos atribuem à sua experiência vivida, significados esses que se revelam a partir das descrições realizadas por esses mesmos sujeitos. A descrição da experiência por quem vivência um fenômeno é o caminho para a compreensão dele, e a linguagem é uma das formas que se abre para essa compreensão.

Dessa maneira, o método fenomenológico foi importante neste trabalho realizado com os alunos da 6ª Série do Ensino Fundamental, pois a partir da experiência dos conhecimentos adquiridos, no teatro, na gastronomia, ou simplesmente o desenhar e responder questionários e no estudar as regiões do Brasil, esteve pautado a própria visão do educando a respeito do Brasil, dos elementos diferenciadores do espaço brasileiro, e do cotidiano dos alunos, o que vem a ser fundamental para o aprendizado. Contudo, o cotidiano e a prática são elementos mais concretos e visíveis para assimilar e acomodar do desenvolvimento intelectual.

## **REGIÃO: UM CONCEITO IMPORTANTE PARA A CIÊNCIA GEOGRÁFICA**

A região consiste-se numa das categorias de análise da Geografia, sendo definida como um recorte do espaço que apresenta características particulares quanto aos aspectos naturais, econômicos, sociais ou mesmo culturais. Porém, a região assume significados distintos, conforme a escola geográfica e método utilizado para sua compreensão.

No limiar da Geografia Tradicional, as regiões eram entendidas como sínteses de elementos físicos e sociais em processo de integração, cujo reconhecimento era feito pela descrição da paisagem, assim, a região era uma paisagem diferenciada.

Na geografia tradicional entre as obras clássicas que realizam reflexões da natureza sobre a transformação do pensamento regional, destaca-se o pesquisador Richard Hartshorne. Hettner inspirado em Hartshorne afirma que muitos geógrafos consideram a geografia um estudo da diferenciação de áreas do mundo, uma ciência corológica, delegando a geografia a um papel descritivo (ideográfico), (HAESBAERT, 2010). Além das reflexões de Hartshorne, os autores Ritter e Humbord foram considerados fundadores da geografia

regional ou mesmo da ciência geográfica, analisando as paisagens naturais, diferenciando áreas.

Por outro lado na Geografia Quantitativa, o autor La Blache via a região como “algo vivo” uma “individualidade”, “possibilidade geográfica” retomando o conceito de região, esquecida pelos neopositivistas. Enquanto, Carl Sauer buscava na Geografia Regional uma morfologia da paisagem que se preocupa ao mesmo tempo com as singularidades e comparação das paisagens individuais.

No século XXI, entretanto, a Geografia Crítica visualiza e caracteriza, segundo Haesbaert (2010), a região sobre duas formas: uma que enfatiza a dimensão econômica, vendo a região como um fruto da divisão territorial do trabalho, e outra vertente enfatiza a região a partir dos movimentos sociais, os regionalismos.

Observa-se ainda que no final dos anos 70, a abordagem da Geografia Humanista, demonstrou nos estudos regionais uma preocupação não apenas com os elementos físicos, sociais e econômicos para a interpretação da região, mas, sobretudo surge a contextualização da mesma como um espaço onde vivem as pessoas com as quais um determinado indivíduo se identifica, associadas a cultura e identidade cultural.

A Geografia Cultural vem incorporar novos horizontes ao conhecimento geográfico e aos estudos regionais. Tendo como base filosófica a fenomenologia, nas quais se deterá ao estudo a respeito do comportamento do homem diante do meio, o medo, o ódio, a percepção (LENCIONI, 1999).

Ressalta Lemos (2005, p.34) que: “O estudo regional, nessa perspectiva, visa a compreender o sentimento que os homens têm por pertencer a uma determinada região, os laços afetivos que produzem uma identidade regional.”

Nesta nova fase do século XXI, período de avanço do capitalismo/ globalização, a região aparece com diferentes abordagens seja, a partir da ênfase nas formações regionais mais tradicionais, (zonas ligados diferentemente ao estado- nação) ou em construções inovadoras (como as regiões descontínuas ou em rede), inexistindo, atualmente, um conceito universal de região como em tempos passados.

Diante desta percepção Santos (2006, p. 165) afirma que:

As condições atuais fazem com que as regiões se transformem continuamente, legando, portanto, uma menor duração ao edifício regional. Mas isso não suprime a região, apenas ela muda de conteúdo. A espessura do acontecer é aumentada, diante do maior volume de eventos por unidade de espaço e por unidade de tempo. A região continua a existir, mas com um nível de complexidade jamais visto pelo homem.

Segundo Haesbaert (2010) a região, num sentido bastante genérico se torna porosa, instável e não possui limites claros e é dotada de uma variedade interna. Acredita-se que a principal inovação nesta ênfase seja a diferenciação e fragmentação é a exclusão social que inclui a constatação de descontinuidades internas (buracos) ou áreas dentro da região que não se caracterizam pelos mecanismos /aspectos que fazem parte dos critérios da definição regional.

Assim, como muda também a forma de recortarmos o espaço, já que houve a eliminação das barreiras e limites frente a revolução tecnológica e global, surgem outras formas de regionalização, como exemplo a formação de Blocos econômicos e áreas de acordos econômicos ou ainda o fechamento de espaços culturais a fim de não perderem a sua identidade mediante ao processo de globalização e homogeneização.

Em suma, desde os primórdios da evolução do pensamento geográfico a região sempre foi um conceito significativo, envolvendo várias temáticas e abordagens e continua mesmo num tempo de des- regionalização ou homogeneização uma categoria relevante aos estudos geográficos, principalmente no entendimento do espaço, conceito- chave da geografia.

Mas se a região é tão importante na Geografia, tendo sua definição atrelada ao desenvolvimento desta ciência, como ensinar este conteúdo no ambiente escolar? Como despertar o interesse dos alunos no estudo da Região e da regionalização brasileira?

## 2.1 EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA: DISCUSSÕES E PRÁTICAS A RESPEITO DO CONTEÚDO DE REGIÕES BRASILEIRAS

A Educação engloba os processos de ensinar e aprender, sendo uma construção de conhecimentos por parte do educador e aluno. O processo de ensino-aprendizagem não significa apenas uma transferência de conteúdo, mas um desenvolvimento que perpassa as experiências vividas e aprendidas ao longo do tempo, consistindo numa aquisição de conhecimentos.

Neste processo de ensino-aprendizagem, o professor é um agente que atua em conjunto com seus alunos, onde há uma troca constante de conhecimento e informações. Se o professor é um mediador do processo para afirmação do aluno e se a qualidade desta “mediação interfere nos processos intelectuais, afetivos e sociais do aluno, ele tem tarefas importantes a cumprir”. (CAVALCANTI, 2002, p.20).

Para Piaget, o conhecimento é um processo e não um acumular de informação é uma reorganização progressiva e uma construção individual. Assim, a aprendizagem é

baseada nos processos de assimilação e acomodação, segundo a teoria Piagetiana, dos quais a assimilação é definida por Piaget como uma forma de adaptação do sujeito ao meio. Ocorre assimilação quando o sujeito incorpora os dados externos aos esquemas que possui. A acomodação é a modificação necessária dos esquemas para poder incorporar esses dados externos (PIAGET, 1973).

Diante disto, para ensinar precisa instigar o aluno e permitir que o mesmo trabalhe interagindo com o problema, discutindo, brincando e participando do processo de aprendizagem. O aluno que fica apenas reproduzindo o que o professor fala não tem subsídios para desenvolver sua bagagem intelectual, falta-lhe interação com colegas, alunos e conteúdo.

Explora Martin (2007, p. 18) sob a ótica de Piaget, que o aprendizado utilizando o termo conhecimento – cópia se constituirá em somente reproduzir os conteúdos das disciplinas através de memorizações que serão verificadas (medidas) com as avaliações. Ou seja, não há abertura para que o aluno explore, manipule, formule e exponha suas conjecturas sob determinado conhecimento.

Reforça Cavalcanti (2003, p.25), que o “ensino é um processo de conhecimento pelo aluno, mediado pelo professor e pela matéria de ensino, no qual devem estar articulados seus componentes fundamentais: objetivos, conteúdos e métodos de ensino.”

Este ensino aprendizagem constitui-se na sua concretude na escola, espaço de socialização e de construção de conhecimentos. Para Libâneo (1992, p. 51) “a escola é mediadora entre o aluno e o mundo da cultura e cumpre esse papel pelo processo de transmissão e assimilação crítica dos conhecimentos, inseridos no movimento da prática social concreta dos homens, que é objetiva e histórica.”

Nesta perspectiva, Cavalcanti (2002, p.33), coloca que “a escola é um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos”. Dessa forma, a escola é um espaço de miscigenação e mediação a diferentes manifestações culturais e sociais, envolvendo várias realidades distintas, que através da geografia escola e práticas desenvolvidas por docentes as especialidades cotidianas em seu mundo vivido tornam-se mais amplas e constroem assim, os conhecimentos de caráter científico.

Porém, desta discussão a escola na atualidade apresenta inúmeras dificuldades entre elas: destaca-se a gama de conhecimentos que os alunos adquirem nos meios de comunicação como, na internet, e que o professor não consegue abordar e trabalhar, utilizando os conhecimentos dos educandos para interação no processo de ensinar.

De um lado, a educação e professor encontram dificuldades em sala de aula, na maioria das vezes relacionada a uma certa dependência do livro didático, além da falta de material e infraestrutura das escolas em permitir o desenvolvimento de aulas práticas e diferenciadas, minimizando as possibilidades de aprendizagem dos alunos. Além disso, os professores encontram-se mergulhados em desânimo, dúvidas e frustrações diante de uma escola onde pouco se ensina e aprende.

Por outro lado, ocorre a dificuldade do educador na valorização dos conhecimentos prévios dos alunos, aqueles embutidos na vivência e observação, ou da própria cultura ou contexto social do educando. Nesta perspectiva, o autor Vygotsky, afirma que o desenvolvimento de aprendizagem se dá mediante as relações sociais que a pessoa estabelece no decorrer da vida, assim como a sala de aula deve ser o lugar da sistematização do conhecimento e o professor um articulador na construção do saber.

Ressalta Vygotsky (1991), o processo de ensino- aprendizagem não começa na escola, toda situação de aprendizagem que acontece na sala de aula tem seu início através de uma abordagem e vivência prévia.

Com isto, tanto Piaget como para Vygotsky, entendem que o ambiente escolar requer interação social, embora por circunstâncias distintas, interação esta entre os alunos e com o mediador da educação, o professor.

Deste ponto de vista, a geografia é uma ciência capaz de fazer esta ponte entre o vivido e o conteúdo disciplinar, podendo abordar o trabalho interdisciplinar e as discussões em sala de aula. A ciência geográfica tem sua contribuição incontestável sobre a leitura do mundo e do cotidiano vivido. Ela é uma ciência que permite o entendimento do espaço, lugar, região e paisagens que fazem parte do contexto do aluno. Esta abordagem do cotidiano é reforçada também pela relação do próprio educando com o meio ambiente, já que a geografia trabalha com a relação homem e natureza.

O ensino de Geografia procura desenvolver no aluno a capacidade de observar, analisar, interpretar e pensar criticamente a realidade e as transformações sofridas pelo mundo. Essa realidade envolve sociedade e natureza. “Cabe à Geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”. (OLIVEIRA, 2003, p. 142).

Nesta perspectiva, mediante a uma leitura do espaço ou região o aluno tem os subsídios básicos para interpretar o local e regional, identificando as relações sociais,

econômicas e ambientais do mesmo. A partir desta leitura, sem dúvidas os alunos adquirem parâmetros de como suas atividades transformam o ambiente.

Destaca Rego et. al. (2000, p. 8) que “O conhecimento geográfico produzido na escola pode ser o explicitamente do diálogo entre a interioridade dos indivíduos e a exterioridade das condições do espaço geográfico que os condiciona”.

Desta maneira, o pensar e o “fazer” o espaço geográfico contribui para o entendimento do aluno acerca do mundo, desde a escala local à mundial. Sendo, portanto, o conhecimento geográfico indispensável para a formação de indivíduos à medida que propicia a compreensão do espaço vivido e do papel desse espaço nas práticas sociais (CAVALCANTI, 2003).

Reforça CAVALCANTI (2002), que o ensino de geografia tem como finalidade básica de ação, trabalhar o aluno juntamente com suas referências adquiridas na escola e sistematizá-las em contato com a sociedade, com o cotidiano para assim criar um pensar geográfico que leve em consideração a análise.

Pensando nisto, as propostas de trabalhar as regiões brasileiras procuraram abordar a criatividade, pesquisa e o conhecimento dos alunos, instigando os mesmos na participação e interação com o conteúdo.

Na proposta em que os educandos tiveram a oportunidade de criar e apresentar o que haviam pesquisado através de teatro e apresentações em power point. Os alunos puderam contar com o lúdico como: teatro dança, para aprender o conteúdo

A visualização do concreto através do teatro e também da culinária permite a fixação do conteúdo, esta vivência através da aula na cultura de uma região, foi fundamental para o desenrolar dos conhecimentos sobre as regiões geográficas do Brasil, sendo que trabalhar em grupo força a discussão entre os colegas em grupo força a discussão entre os colegas essencial no aprendizado da criança. (Figura 1 e 2).

**Figura 1** – Apresentação em Power Point desenvolvidos pelos alunos



Fonte: Foto tirada pelas autoras em dezembro de 2012.

Esta interação ficou nítida ao perguntarmos aos alunos: Como contribuiu no seu aprendizado o trabalho das regiões brasileiras? O que de novo você aprendeu com a elaboração do trabalho? Você gostou desta forma de atividade de avaliação e aprendizagem? Para os alunos o trabalho permitiu a fixação do conteúdo aprendido durante o ano pelo fato de o lúdico aproximar-se a realidade de cada região brasileira. Aspectos antes não percebidos a cerca da dinâmica regional do Brasil apresentou melhor clareza através do “ver” e “fazer” no desenvolvimento da atividade com os alunos de sexta série.

**Figura 2**– Culinária das regiões brasileiras



Fonte: Foto tirada pelas autoras em dezembro de 2012.

Sem dúvidas, a motivação dos alunos na realização da atividade evidenciou também que as “aulas diferentes” conquistam e instigam os alunos a participar do contexto escolar, contribuindo para o processo de ensino e aprendizado. Na etapa da aula de degustação da comida típica de cada região observou-se que está aproximou ainda mais os alunos as culturas regionais, pois a maioria dos alunos nunca haviam provado comida nordestina e tão pouco tinha conhecimento de como era a alimentação nos demais estados brasileiros.

Assim, com a observação do espaço mediante ao conhecimento da cultura, da culinária e das características regionais são o ponto-chave para que os alunos construam seu conhecimento. Certamente, a memorização deste conhecimento será mais produtiva do que aquele conteúdo que se aprende em sala de aula com o professor explanando todo o conteúdo. De modo geral, foi um trabalho exaustivo aos alunos, mas prazeroso que contribuiu com a aprendizagem através de outras formas de ensino, cuja abordagem tradicional foi substituída pelas ferramentas acessórias e discussões em sala de aula.

Na proposta de trabalho individual, envolvendo questionário e desenhos, observou-se que os alunos apresentaram uma noção de região, já que na maioria responderam que seria um ponto, uma área com características semelhantes, assim como eles identificaram o que significa regionalizar um espaço, através do questionamento: Por que

regionalizar o Brasil? Para os educandos regionalizar serviria para melhor administração do espaço, ou lugar.

Quanto à atividade de análise das charges, facilmente eles identificaram a região que as ilustrações representavam pelo sotaque e contexto. Nesse sentido, mostra que eles aprenderam o conteúdo e estão interagindo com as questões propostas. Entretanto, para eles esta parte da atividade de responder questões e identificar as regiões não foi tão prazerosa quanto à segunda parte da aula, cujos mesmos foram instigados a desenhar alguma coisa que lembre uma das regiões estudadas durante o ano letivo.

Na segunda parte da tarefa a maioria dos alunos retratou a Floresta Amazônica e a Cultura gaúcha, através do chimarrão (Figura 3 e 4). Outros alunos abordaram elementos diferentes nos desenhos como a praia de Copacabana no Rio de Janeiro, representando a região sudeste, outros as cascatas do Iguaçu, outros a seca nordestina, enfim a criatividade e a exposição do conteúdo foi muito significativa, além do que os alunos adoraram a atividade.

**Figura 2**– Desenho sobre as regiões brasileiras



Fonte: desenho elaborado por um aluno em dezembro de 2012.

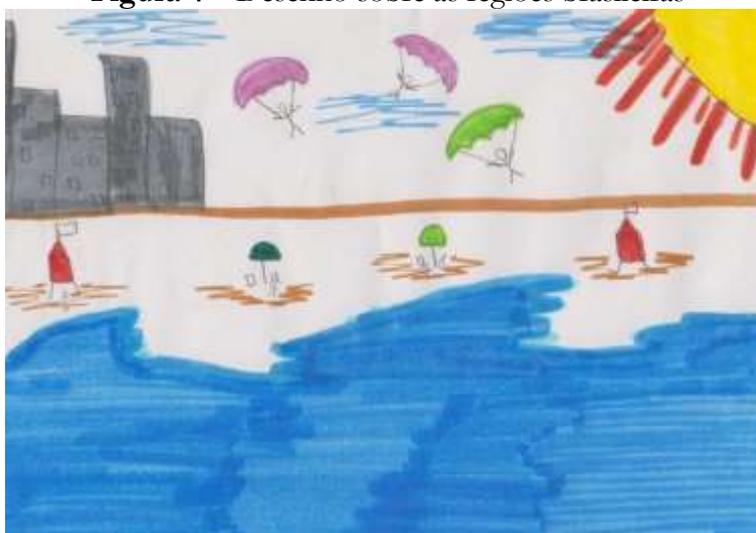
Dessa forma, conseguiu-se unir a tarefa de ensinar envolvendo a prática e o prazer de aprender por parte dos alunos. Neste sentido, Pareira; Paula (2010) abordam a importância da teoria e da sua aproximação com a prática de forma que propicie reflexões, e se articule com a sucessão dos dias escolares.

**Figura 3** – Desenho sobre as regiões brasileiras



Fonte: desenho elaborado por um aluno em dezembro de 2012.

**Figura 4** – Desenho sobre as regiões brasileiras



Fonte: desenho elaborado por um aluno em dezembro de 2012.

Neste contexto, os educandos têm o contato com o conteúdo de região no ensino fundamental e geralmente este acontece sem “tempero”, necessitando, entretanto, despertar o encanto pedagógico. (CASTROGIOVANNI, 2007).

Assim, os alunos precisam se sentir envolvidos, despertar o interesse e a curiosidade dos mesmos para que o aprendizado seja produtivo. Este aprendizado prazeroso pode ser pensado “[...] propondo o tema de forma lúdica, inquietante que desperte a curiosidade, envolvendo o sujeito e transformando seu estado intelectual.” (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 25).

Com isto, por atividades que desperte a vontade de aprender nos alunos é uma tarefa do professor, no qual tem um papel fundamental no processo de ensino-aprendizado. Castrogiovanni (2007, p. 25) coloca “Nós, professores, temos como tarefa conquistar os corações de nossos alunos diariamente, com dedicação, afeto e autoridade pedagógica”.

No entanto, o papel do professor é ainda maior, no qual, o mesmo deve ser o mediador do conhecimento adquirido pelos alunos na vivência social, na escola ou diante das redes de comunicações, orientando a investigação, provocando questionamentos, desafiando-os e auxiliando no ensino-aprendizado a partir do fornecimento de fontes e informações, ele não pode ser apenas um expositor de conteúdo, já que aprendizagem consiste-se numa construção e também pelo fato que nos dias de hoje, existem vários meios de reprodução do conhecimento. (AQUINO, 2007). Nesta ótica, a atuação do professor é memorável, ainda para a construção de saberes e de valores sociais, educando para o trabalho e a prática social, gerando cidadãos conscientes.

Em suma, os educadores têm um papel importante na sociedade e na educação. Diante disto, necessita-se buscar a todo o momento maneiras de ensinar que promova o aprendizado, saindo das “amarras” do tradicionalismo educacional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante destas experiências de práticas em sala de aula e leituras teóricas, percebem-se que a realidade da sala de aula é múltipla, assim como a vivência dos alunos, no entanto, estas questões não são aproveitadas no aprendizado, onde se parte de um conhecimento previamente estipulado.

Como mencionado anteriormente as dificuldades em sala de aula são diversas, seja a falta de motivação dos alunos, a variedade de instrumentos que fornecem informação, o mau-estar docente, ou simplesmente as precárias infraestruturas das escolas públicas que refletem nas dificuldades de ensino-aprendizagem. Sabe-se também que nas escolas públicas as realidades dos alunos são diferentes então a interação entre eles e a descoberta de como ensinar e motivá-los a participar das aulas torna-se fundamental ao professor e a educação.

Cada vez mais, o professor tem que criar novas maneiras de motivar e buscar a participação dos alunos frente à sala de aula. Com isto, muitas maneiras têm sido discutidas no âmbito da educação. Assim, as propostas de aula apontada neste artigo, ora concluídas, consistem-se em propor e desenvolver novas maneiras de ensino, procurando instigar a participação e entusiasmo dos alunos em “aprender” e “fazer”.

Neste sentido, ao trabalhar com teatro, dança e culinária permitiu a aproximação dos educandos a realidade de cada região geográfica do Brasil, motivando os alunos à participação das tarefas propostas pela dinâmica da aula. Além da motivação, observou que a visualização das características regionais através dos recursos lúdicos permitiu a fixação do conteúdo trabalhado em aula.

Na atividade de interpretação de charge, questionários e desenhos, também teve como intuito a motivação e a exposição das curiosidades e criatividade dos alunos, despertando a participação destes na interação ensino-aprendizagem, revelando assim, que o desenho atrai os educandos e assim, conseguiu-se extrair o conhecimento a partir do lúdico.

Nas duas atividades desenvolvidas em sala de aula, observou que o lúdico despertou a participação dos alunos, mesmo os alunos que tem mais dificuldade ou desinteresse, ambos participaram ativamente nas tarefas. Ainda, foi possível observar nesta aula a construção do conhecimento diante da interação alunos/professor. Sem dúvidas, esta interação e trabalho foram significativos no aprendizado dos alunos.

Em resumo, a educação é uma constante construção de conhecimentos e habilidades, tanto por parte do professor como do aluno; o primeiro está sempre buscando aprender como proporcionar o ensino-aprendizado aos educandos; enquanto o segundo está em constante aprendizagem. Assim, educar não é uma tarefa fácil, mas sem dúvidas no final da jornada a gratificação de propor o aprendizado aos alunos certamente é compensatório as dificuldades profissionais.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. **O aluno, o professor e a escola: Prática de ensino de Geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia.** 3 ed. Brasília: Secretaria, 2001.

CALLAI, H. C. Aprendendo a Ler o Mundo: A Geografia nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino da geografia:** caminhos e encantos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia e prática de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

\_\_\_\_\_. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** São Paulo: Papyrus, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Geografia Escolar e a cidade:** ensaios sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas: Papyrus, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão Regional.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. **Mapas.** Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/7a12/mapas/brasil/brasil\\_grandes\\_regioes.pdf](http://www.ibge.gov.br/7a12/mapas/brasil/brasil_grandes_regioes.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2012.

HAESBAERT, R. **Regional-global:** Dilemas da região e da globalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

LEMOS, L. M. As correntes da Geografia e o movimento de idéias em torno da região. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 26-36, jul./dez. 2005.

LENCIONI, S. **Região e geografia.** São Paulo: Edusp, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **A Democracia da Escola Pública.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

LIMA, S. C. A. de; ABREU, S. de. Reflexão sobre a temática regional e o ensino de Geografia. **GEOGRAFIA - Revista do Departamento de Geociências** v. 14, n. 1, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.geo.uel.br/revista>>. Acesso em: 23 jan. 2012.

MARTIN, D. F. **A Aprendizagem em Paulo Freire e Piaget.** 53f. 2007. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2007.

MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo:** educação como *poiésis*. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTIN, S. J.; BICUDO, M. A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia:** fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes/Educ. 1989.

OLIVEIRA, A. U. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. U. et al (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 135-144.

PEREIRA, Z. dos R.; PAULA, F. M. de A. Contribuições e possibilidades para o ensino de geografia: a cidade e espaço urbano como pressupostos da cidadania. In: Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos, 2010, Porto Alegre. **Anais eletrônicos.** Porto Alegre,

AGB, 2010. Disponível em: <[www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1948](http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1948)>. Acesso em: 23 nov. 2012.

PIAGET, J. **Biologia e conhecimento**: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. **Para Onde Vai a Educação?** 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1988.

REGO, N. et al. **Geografia e educação**: geração de ambiências. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Notas sobre epistemologia da geografia**. Cadernos Geográficos. Florianópolis, n. 12, p. 1-63, maio, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. 191p.